# O MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano VI | Florianópolis, Junho de 1948 | N. 4


### O CONSTRUTOR

**Virtude:** Amor ao Sagrado Coração de Jesús.

**Defeito oposto:** Indiferença para com o Sagrado Coração.

**O Construtor:** "Doce Coração de Jesús, fazei que Vos ame cada vez mais". (300 dias de indulgência).

**O Ajudante:** "Doce Coração de Jesús, sede meu amor". (300 dias).

**Método:** Começa o dia com atos de amor. Ao levantar, repete cinco vezes as jaculatórias acima; diz estes grupos de cinco muitas vezes durante o dia. De noite, pergunta-te, quantas vezes as repetiste e marca o número num caderninho, comparando-o com o do dia anterior.

**Construindo:** A prova de amor é o sacrifício. A vida, os sofrimentos e a morte de Jesús Cristo revelam a profundidade de Seu abnegado amor das almas. "Eis o coração", disse Ele a Sta. Margarida Maria, "que amou tanto os homens, exgotando-se mesmo para provar-lhes seu imenso amor". Um amor de infinda misericórdia! Ele suspende até as leis da natureza para morar no meio de nós. O tabernáculo é sua morada, o altar a mesa do sacrifício perpétuo, a mesa da comunhão o lugar do banquete eucarístico. Estas reflexões deveriam incendir a chama de amor em nossos corações. Frequentes aspirações de divino amor são a expressão de um coração que realmente aprecia a amizade de nosso Divino Salvador.

**Na Defensiva:** Muitas vidas promissoras têm sido arruinadas pela imprudência na escolha de companheiros. A melhor defesa contra tal desgraça é a amizade com o Sagrado Coração. Jesús é um amigo real nas necessidades, leal e devotado aos seus clientes. Não importa quantas vezes a alma tenha fraquejado em consequência da pressão da tentação. Seu coração amante está pronto a perdoar e esquecer, contanto que nosso arrependimento seja sincero. Na hora da tentação, nossas aspirações anunciam a Satã nossa dedicação a Cristo Nosso Senhor. Seu valor como virtude, consistindo de atos de amor de Deus, rejeita os aliciamentos de um amor ilegal às criaturas; seu valor impetratório pede a graça de ficar fiel e até de crescer no amor do Divino Mestre.

**Aspirações de Reparação:** O Sagrado Coração é preeminentemente humano, responsivo a apelos e sensivel a insultos. A ingratidão dos nove leprosos curados foi um espinho no Seu lado. "Em troca, recebo, da maior parte, só ingratidão, desprezo e indiferença no sacramento do divino amor". Confissão estranha para um Deus, mas mais estranhas ainda a cegueira e a ingratidão dos homens! — Se estiveres cônscio de pecado, apressa-te em reparar o passado por aspirações de amor de Deus. "Doce Coração de eJsús, fazei que vos ame cada vez mais", e "Doce Coração de Jesús, sede meu amor", unidas às súplicas incessantes do Coração Eucarístico, dão satisfação pelas infidelidades do passado, enquanto suas indulgências cancelam as penas temporais devidas aos pecados de ingratidão.

**Charles A. Imbs. S. J.**

# LIVROS

**Juventude Radiosa**, por Tihamer Toth; Coimbra Editora, Coimbra, 2. edição, 1945. — "Newsweek" (22-3-1948), apregoando um novo filme a ser posto ao serviço da educação sexual, lamenta que, em consequência da "pressão de professores e pais conservadores", há tanta oposição à educação sexual nas escolas públicas. Mas a maior culpada — segundo "Newsweek" — é a Igreja Católica, "which feels that sex instruction cannot be divorced from moral teachings". O verbo "to feel", este camaleão linguístico, exprime tudo menos a solidez da doutrina católica. Mas peor é que o articulista parece ignorar que a "instrução sexual divorciada do ensino da moral" é materialismo puro. Parece ignorar mesmo a finalidade da instrução sexual: o perfeito controle das forças genésicas segundo os preceitos divinos. O saber a respeito das cousas sexuais não basta. As ações do homem não dependem, em primeiro lugar, da inteligência, mas sim da vontade. E toda instrução sexual que abstrai da formação da vontade, é condenada ao fracasso certo. E é contra isto que a Igreja Católica está fazendo frente.

Tihamer Toth, profundo conhecedor da alma juvenil, oferece à mocidade um livro que, em linguagem casta, desvenda o mistério da vida, mas, ao mesmo tempo, ensina a difícil arte de respeitar este sublime mistério. Este professor de universidade dirige-se a moços que sinceramente procuram ganhar o dominio sôbre uma das forças mais poderosas com que o Creador dotou o homem. Mostrá-lhes o caminho íngreme que os levará às alturas douradas na luz de uma das vitórias mais preciosas. Quem procurasse um dos corriqueiros livros sôbre a vida sexual — que, geralmente, não querem outra cousa, senão fustigar e instigar as paixões — não abra o volume em apreço. Mas quem desejar deveras tornar-se forte, tornar-se um herói legitimo, leia as paginas que espelham uma "Juventude Radiosa". — Sec.: C.

**U. R. S. S.**, por Orlando M. Carvalho; Livraria AGIR Editora, Rio de Janeiro, 1947. — Tendo explicado a dificuldade em obter informações exatas sôbre a Rússia moderna e indicado as fontes de que se serviu, o autor dá um resumo da história da Rússia imperial. Estuda em seguida a estrutura social do império e sua decadência que favorece o surto do proletariado e a vitória deste por ocasião da derrota militar na I. Guerra Mundial. A parte principal do livro é dedicada à apreciação da U. R. S. S., "un. Estado Socialista de Operários e Camponeses". Desapaixonadamente, considera Orlando Carvalho os fatos que falam por si, falam uma linguagem clara que deixa pouca margem para discussão. Vemos aí que a Rússia, em grande parte, alcançou a industrialização desejada. Mas a que preços! Vemos também a falha do sistema na agricultura que, em muitas ocasiões, fica aquém dos resultados obtidos em 1913. Vemos ainda a pobreza de bens culturais, resultante do monopólio absoluto da ditadura numa "república" de um só partido, partido este que está acima do estado. É evidente que, num tal estado, não pode haver liberdade política já que não há nem vestígio de liberdade de imprensa e de reunião e onde, nas eleições que não permitem abstenções, só se pode votar na lista única apresentada pelo P. C. Evidente é outrossim que a Rússia está longe ainda de realizar o ideal marxista; por isto, está muito longe da tão apregoada igualdade comunista. Prova disto é a nova aristocracia que se compõe dos grandes chefes do partido e da alta burocracia. Esta Classe num pais "sem classes", dispõe de automóveis próprios e de casas de campo, além de gozar de inúmeros privilégios que lhes permitem abundância de alimentos e roupas e mesmo artigos de luxo. Por tudo isto, vê-se que na Rússia vigora um regime claramente ditatorial. De democracia não há vestigio. — O livro merece toda atenção. Só num ponto não podemos concordar com seu autor. Citando Clement Attlee, mostra-se Carvalho em favor da colaboração com a U. R. S. S. Mas, variando, ligeiramente, um famoso slogan americano a respeito da Alemanha hitlerista, dizemos: "You can't do business with Stalin". — Sec.: C.

### DO MEU DIARIO

5 de Maio. — O Édio está com escrúpulos. Cousa séria. Duvida da legitimidade de sua admissão à C. M. Claro, não pode fechar dentro do peito torturado a inquietação. E confia a um colega: "Quando eu fui admitido, não havia mesa doce".

17 de Maio. — O Agostinho não se importará. Mas o outro, êsse sim, ficaria fulo, se revelasse o nome. Mas a cousa deve ser registrada. — Pois bem. Os dois, o Agostinho e o "outro" tiveram uma pega. Luta amistosa, está entendido. Agostinho foi derrotado. O "outro", cheio de soberano desprezo pelo vencido, busca um livro e mete-se a folheá-lo. — Eis que surge, de novo, o adversário derrotado. Com as mangas arregaçadas, avança afoitamente. Gesticula frenèticamente com os punhos fechados diante do rosto do "outro". Este, cônscio de sua superioridade, agarra o braço ameaçador e — larga-o ato contínuo. Na encadernação, Agostinho tinha untado mãos e braços com grude.

22 de Maio. — Inaugurou-se, hoje, na Secção dos Maiores, o "Rosário Vivo".

### FALA Mr. SHAW.

Nos católicos não precisamos das reflexões de acatólicos para a confirmação de nossa fé. Nós cremos firmemente no que ensina a Igreja porque sabemos que a assistência do Espirito Santo a conserva de todos os efros em matéria de fé e moral.

É, contudo, interessante ouvir a opinião de um homem de tanta fama como Bernard Shaw, sôbre a infalibilidade do Papa, principalmente por dirigir-se êle a leitores protestantes.

No longo prefácio de sua peça teatral "Saint Joan" (d'Arc), fala assim:

"Talvez seria melhor que eu informasse meus leitores protestantes que o famoso Dogma da Infalibilidade Papal é longe a mais modesta pretensão da espécie em existência. Comparado com as nossas democracias infaliveis, com nossas infaliveis juntas médicas, com nossos astrônomos infaliveis, com nossos juizes infaliveis, com nossos parlamentos infaliveis, o Papa jaz ajoelhado no pó, confessando sua ignorância perante o trono de Deus, pedindo ùnicamente que seja considerada final sua decisão a respeito de determinadas questões históricas para as quais se lhe abrem, aclaram e dispõem mais fontes de informações do que a qualquer outra pessoa". (Saint Joan, by Bernard Shaw; Penguin Books, New York, 1946; p. 41-42).

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

### É BOM SABER...

— De uma carta particular, procedente de Pequim (China), traduzimos o seguinte trecho: "Das margens do rio Iang-Tse-Quiang até a Mandchúria, desencadeou-se uma perseguição diabólica. Com excepção de algumas cidades maiores, toda a China Setentrional acha-se nas mãos dos vermelhos. Da Missão de Shangai, mantida pela Provincia de Paris, dos Jesuitas, foram presos e desapareceram sem deixar vestigios, há um ano, dois padres franceses e tres chineses. Nas últimas semanas, a missão dos jesuitas canadenses, ao norte de Nanquim, na região de Suchow, tinha muito que sofrer; foi incendiado um grande colégio. A missão dos padres franceses no território de Sienshien, acha-se atualmente nos maiores perigos. Os Padres e Irmãos estão presos em Sienshien. O Superior da Missão, o P. Charvet (da Provincia da Champagne) viajou para lá, em Junho p. p., e não pôde voltar até agora. Pequim está repleta de Missionários e Irmãs que, em parte foram expulsos de suas missões, em parte, se refugiaram ai. O futuro apresenta-se nas cores mais negras. Os Trapistas possuiam duas florescentes abadias. Uma delas, ao sul de Pequim, teve de ser abandonada. A outra, ao norte da dita cidade, foi incendiada. Todos os monjes foram presos. 14 deles morreram em consequência dos maus tratos no cativeiro. Recentemente foram postos em liberdade os Irmãos, ao passo que os Padres, 26 deles, ainda estão presos".

— O govêrno do Equador celebrou um contrato com os missionários afim de que estes continuassem seu trabalho civilizador no norte do país. "A civilização não poderá ser levada a esses territórios senão por gente abnegada, que, servindo a sua própria causa, sirva igualmente à República", comentava "El Comércio", diário da capital daquele país.

— A república da Libéria (África) celebrou o centenário de sua independência. Para assistir ás festividades, muitas nações enviaram representações diplomáticas. Pela primeira vez encontrou-se lá também um representante do Vaticano. Em nome de S. S. Pio XII, Monsenhor Dellepiani entregou ao Presidente a medalha de "Cavalheiro da Grã Cruz da Ordem de Pio IX".

— Da Corea: Todos os que não são comunistas, estão sujeitos a inumeráveis sofrimentos. Por isso, os que podem atravessar a fronteira, se passam para o sul que está sob controle americano. Quase 3.000 transpõem a fronteira, diàriamente. Para evitar os postos de guarda, escolhem as sendas das montanhas, ou atravessam, à meia-noite os rios, apesar dos rigores do inverno. Não gostam do "paraiso" russo.

— Em Paris, junto ao Instituto para Estudos sôbre a Lepra abriu-se um leprosário para 20 pacientes, de preferência missionários. O Laboratório do Instituto está confiado à Irmã Maria Suzana, das Missões da Sociedade de Maria, religiosa que passou 25 anos no Leprosário de Makogai (Ilhas Fiji) e 4 no Instituto Pasteur em Paris, e se especializou no tratamento do bacilo de lepra. Nesse Instituto, realizam-se, constantemente, cursos para missionários, sôbre métodos de exames bacteriológicos e histológicos.

(Nuestra Vida — México, D. F., México).

# MARIANOS CÉLEBRES

### 13. Um Cirurgião

"Quando um doente me preocupa, quando não sei mas que fazer, quando esgotei os recursos da medicina e da terapeutica, dirijo-me Àquele que sabe tudo. Mas como minhas ocupações não me permitem orar por muito tempo, tomo Nossa Senhora para intermediária, e, indo visitar os meus doentes, rezo uma ou duas dezenas de meu terço".

Quem foi êste médico que tanto auxilio esperava de Nossa Senhora ?

Além de ser congregado mariano, foi celebrado professor da Escola de Medicina de Paris e do Colégio de França, médico de principes e reis e autor de numerosas obras cientificas.

José Cláudio Antelmo Récamier, que assim se chamava nosso mariano, nasceu, em Rochefort, aos 6 de Novembro de 1774.

Durante as guerras do Diretório, acompanhou, primeiro, como cirurgião auxiliar o Exército dos Alpes; depois, na mesma qualidade, serviu na armada. Em 1797, estabeleceu-se em Paris, recebendo o titulo de doutor em medicina, em 1799.

Só dois anos mais tarde, foi nomeado médico do Hospital civil, cargo em que permaneceu por 40 anos.

Foi naquela época, gozando já de uma autoridade e fama extraordinária, que Récamierr entrou para a Congregação Mariana ressuscitada pelo P. Jean Bourdier Delpuits.

Em 1830, renunciou a suas cátedras na Faculdade de Medicina e no Colégio de França, porque sua consciência não lhe permitiu reconhecer a legitimidade do govêrno que resultou da Revolução de Julho.

Isto seus inimigos nunca lh'o perdoavam. Ainda em principios deste seculo, o ódio sectario alongou-se mesmo ao ponto de negar-lhe os merecimentos cientificos como "cousa de pouca duraçao", e negando que ele tivesse inventado o especulo. Assim procederam Larrousse e seu plagiador português.

Na realidade, porém, distinguiu-se Récamier como operador por sua segurança nos diagnosticos e sua habilidade manual. Foi um atrevido inovador que praticou certas operações pela primeira vez.

Os resultados de seu labor médico, ele os depositou nos já mencionados trabalhos cientificos.

O marianismo de Récamier espelhava-se na retidão e independência de seu carácter e na fina ética profissional. A mais bela flor, porém, gerou-a naquela caridade que o fez repartir com os pobres grande parte de seus lucros. Tudo isto grangeou-lhe o respeito e as simpatias em larga escala.

José Récamier, o grande devoto de Nossa Senhora, o celebrado clínico, morreu aos 22 de Junho de 1852, em Paris.

### ESCOLA DE GUERRA (XXIV

44. "Em tudo o que diz respeito à vida da Congregação, obedeçam com vontade pronta e submissa às ordens e conselhos do Padre Diretor. (1) Prestem também a devida honra e obediência ao Presidente e mais Oficiais do Conselho, mesmo aos Oficiais Menores, nas cousas que pertencem a seus cargos". (2).

**Comentários:** (1) Não há cousa mais natural do que acatar as ordens e conselhos daquele que, em virtude de seu ofício, dirige toda a C. M., tornado responsável de sua prosperidade. A C. M. é formada não sómente de homens que livremente ingressaram em suas fileiras, mas que abnegadamente procuram o bem comum. Este, porém, não será alcançado, sem que todos os seus membros se deixem dirigir na estrada que conduz a este bem comum. Isto explica suficientemente o inciso: "em tudo que diz respeito à vida da Congregação". — (2) Esta segunda parte da regra segue simplesmente da primeira. Pois os Oficiais participam da autoridade do Diretor "na medida e nas condições, em que pelo Diretor lhes for comunicada". Cf. Regra 22. — Esta regra exige a abnegação cristã que é o fruto do espirito de fé.

### CANTINHO LITÚRGICO

Voltando para o livro, o celebrante convida a todos com a exortação "Oremos" a unir-se com ele na recitação da Coleta, a oração impetratória por excelência.

Já a atitude do sacerdote indica isto. Estende e levanta as mãos num gesto tão natural na pessoa que pede favores. É êste um gesto que exprime a completa indigência da humanidade, a inabalável confiança no poder e na bondade de Deus, o abandono de si próprio sem reticências, o profundo interêsse pelo próximo. Assim rezou Cristo: "Pai, perdoai-lhes, não sabem o que fazem".

Sendo a coleta uma petição, seu conteudo é sempre o mesmo. Variam, porém, os motivos, segundo e carácter da resp. Missa; ora, invocando os merecimentos de Cristo no mistério da Incarnação, da Paixão e Morte ou da Ressurreição; ora lembrando a intercessão tão grata a Deus de Maria Santissima, dos Anjos e dos Santos.

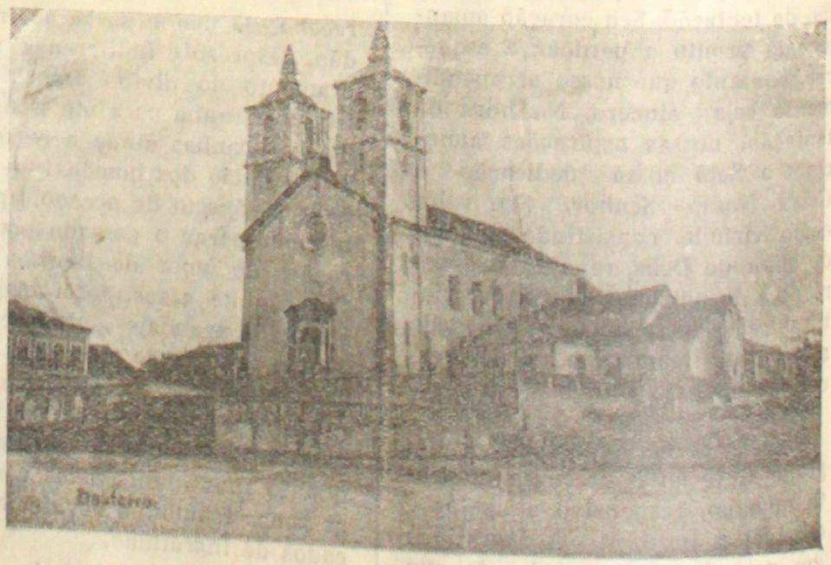
Todas as coletas, sem excepção, dirigem-se ou a Deus Padre ou ao Divino Filho. Nem uma unica vez reza-se a Nossa Senhora ou a um santo qualquer nessas orações.

Este único fato basta para mostrar quão insensata é a afirmação que nós católicos fazemos mais questão da Bemaventurada Virgem e dos Santos do que de Deus.

Na mesma Missa pode haver mais de uma coleta. Entretanto, o número das orações está prescrito segundo determinadas regras. Nas grandes solenidades há uma única oração. Em outras, i. é, durante o Advento e a Quaresmo, reza-se sempre também a oração da Missa da resp. féria. Muitas vezes, é comemorada a festa de um santo, celebrada com rito menor.

Em determinadas circunstâncias, o Bispo diocesano pode prescrever, para algum tempo, uma oração especial, por exemplo, em tempo de guerra ou para alcançar o auxilio de Deus contra calamidades públicas.

Nas coletas que a Igreja manda dizer, ela se mostra a boa mãe, cheia de compreensão das alegrias e misérias dos seus dilétos filhos, firme na irrestrita confiança com que oferece os pedidos a Deus Padre "por Nosso Senhor Jesús Cristo" ou a Este mesmo "que vive e reina" por todas as eternidades.



Florianópolis antiga

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

# CRISTO OU BARRABÁS?

por DANIEL A. LORD, S. J.

(Continuação)

(Tradução)

Contudo, apesar de Sua véste em frangalhos, apesar da imundície com que cobriram Sua face, sem medo enfrentou a multidão. Tinha-se antes a impressão que o medo fôra expulso por uma emoção mais profunda, mais verdadeira. Seus olhos passavam por estas massas procurando, perguntando. O que quer que fôsse que procurava, Ele não achou tal. Em vez disto, eu o vi recuar diante do golpe que a ralé lhe lançou em rosto.

E que golpe foi êsse!

Porque agora estavam urrando. A princípio, havia urros isolados, o ulular desencontrado de uma multidão que ainda não "farejou" seu ritmo. Mas, mesmo enquanto escutava, os gritos assumiam uma sequência combinada que foi esternada por guelas, mãos e pés que batiam o chão numa fúria louca.

"Crucifica-o!"

"Crucifica-o!"

"Crucifica-o!"

Tenho ouvido as massas fedorentas gritarem nos nossos voluptuosos teatros, berrar: "Queremos mais! Queremos mais! Queremos mais!"

Tenho ouvido enlouquecer as escumas do povo nos seus lugares na arena, quando reclamavam a morte de um gladiador. Em uníssono entoavam aquele canto sanguinolento, repetindo-o com fúria: "Liquida! Liquida! Liquida o tolo!"

Aquela mesma espécie de ritmo, qual um só grande pulsar emocional batia agora ao meu redor, quando o sentia bater contra um Pilatos aturdido.

Então levantou o braço, exigindo silêncio, e, numa voz desde há muito treinada para controlar as massas da praça pública, gritou-lhes: "Ora, que mal fez Êle"?

Como se êles se importassem!

Sua única resposta foi bater, bater, bater aquele ritmo de morte, tão precisamente acentuado, como se um homem com uma batuta estivesse diante deles a marcar o compasso.

O gesto de comando de Pilatos, desta vez, era antes preocupado do que imperioso. Dois soldados acorreram, postando-se de ambos os lados do prisioneiro, empurrando-O para a proteção do palácio. Pilatos formou uma pouco dignificada retaguarda. Não havia dúvida: meu governador estava perdendo sua dignidade, como costuma acontecer a um homem, quando vem a ser o joguete entre suas próprias convicções e as cruéis exigências de uma tentação veemente. Posso enganar-me, mas parecia-me que vacilava um pouco quando êle passou pela porta envolvente.

A criada de Prócula acotovelou-me. "Minha patroa quer falar-lhe", disse.

Mesmo naquele momento não pude resistir à vaidade de um bocadinho de triunfo.

"Sabia isto, quando você me fechou a porta na cara".

A esposa de Pilatos estava na janela que dava na sacada; foi uma profunda janela arcada que se projetava sôbre a multidão. Acenou-me que me aproximasse no instante que entrava. Suas mãos nervosas e sensíveis tinham rasgado em pedaços o lenço que seguravam. Agora, num movimento quase selvagem, ela pegou-me pelos ombros.

"Que será dêle?" perguntou numa voz enrouquecida pela ânsia e pelo terror. Eu julgava que se estava referindo ao prisioneiro.

"Não se preocupe com Êle por enquanto", animei-a. "Êle será absolvido, se seu marido puder arranjar as cousas"?

"Oh", gritou ela, sacudindo a cabeça, como se quisesse lançar longe de si uma cousa sem importância. "Não me preocupo com o prisioneiro. Se meu marido o puser em liberdade, o populacho encontrará mil modos de matá-lO, e por alguma razão, Êle não tentará de fugir. Êles querem Seu sangue; quase parece que Êle deseja, que Êle lhes quer fazer a vontade. Por isto, nada, nem o perdão do meu marido, nem a justiça nem a boa sorte impedirão que Êle lhes permita tirar-Lhe o sangue. Não, não. O que queria dizer, que será do meu marido, o senhor Pilatos"?

Fiquei tão espantado que não consegui articular uma só palavra. "Vossa Excelência fala, como se o senhor Governador estivesse perante o tribunal, não"...

Sua voz veio com tanto volume que recuei, como se ela me tivesse batido.

"Êle está perante o tribunal. É meu marido que está sendo julgado, não aquele homem. O homem é inocente, embora destinado a morrer — o céu sabe porque. Mas meu marido, que será dêle?" Suas palavras vieram em arrancos. "Isto... não pode êle vê-lo?... Êste é o grande processo... seu maior... talvez o maior de tôda a história... É êle que tem que escolher... não a ralé... não os sacerdotes... A escolha é dêle... uma escolha, uma decisão eterna. ...Êle não pode escapar... Ele não deve fugir desta decisão. "Ela fez uma pausa e sua voz diminuiu até que ficasse quase uma prece. "Oh, êle deve acertar. Êle deve acertar para sempre".

Comecei a falar-lhe sôbre Barrabás e a pergunta de seu marido.

Não me deu oportunidade. Atirou a manta ao redor do ombros.

"Não importa o que digam costumes, lei e conveniências", gritou, justificando-se perante mim. "Vou ter com êle. É êste o momento em que precisa de mim e de tudo quanto lhe posso dar".

Quase correndo aproximou-se da porta do vestíbulo. Mas era tarde demais. Uma outra onda de clamor da massa atingiu-me.

"Senhora", chamei, fazendo-a parar, "êles saíram de novo para o pórtico".

Passou por mim, em direção à janela, roçando meu braço. Juntos esforçamo-nos de beber com os olhos o drama que se desenrolava lá na plataforma e na escadaria.

Pilatos voltara, sua testa em rugas, formando as espessas sobrancelhas pretas uma espécie de sebe, seus lábios uma linha reta, delgada, cínica. Vi como êle olhava para a figura do prisioneiro, como se quisesse ajudá-lo. Mas o homem estava imóvel, seus olhos agora fixados num ponto muito distante que ninguém de nós podia ver. Êle parecia estar viajando do dia presente para longe, para uma era da história que ainda não tinha realidade.

Sujo, enlameado como estava, era Êle o único senhor da situação, um rei no meio de cortezões rebeldes, de forma alguma um prisioneiro entre juiz e acusadores.

Um Rei?

Como foi possível usar esta palavra rei para designar aquele vulto ensanguentado, manchado e desfigurado, lá na plataforma? Todavia, eu sabia que a usara. E uso-a de novo.

"Deus dos judeus e de todo o mundo", ouvi murmurar a Prócula, "Fazei com que meu marido decida com justiça... Dai-lhe a coragem de que precisa para"...

O braço de Pilatos lançou-se ao ar para impor silêncio. Por um momento, êle, com o mesmo efeito, poderia ter encenado um prestidigitador para conjurar a tempestade sôbre os lagos da Galileia. Então, o poder inato do governador e a Roma que êle representava, triunfaram. Sôbre a multidão desceu, abruptamente, um silêncio pesadamente carregado, tanto mais terrível porque sucedeu a uma erupção violenta e precedeu a — o céu sabia o que.

"Êle vai soltá-lO!" Os dedos de Prócula cravaram-se no meu braço, porque o que ela dizia, era menos uma afirmação do que mais outra prece.

Eu esperava por um sinal que iria lançar os soldados no meio do populacho para dispersá-lo num abrir e fechar d'olhos, e para abrir uma estrada à liberdade do preso. Mas o sinal não veiu.

Em vez disto, subitamente, um sorriso curvou os lábios do governador naquela sinistra ironia que me era tão familiar. Sempre sorria assim, quando planejava um jogo sujo. Lembrei-me que sorria dêste modo, quando disse aos judeus que Roma insistia nos impostos, mas que, se quisessem, êles mesmos podiam-nos recolher.

Sorria dêste modo, quando disse aos negociantes judeus que tinham vindo para segurar contratos com o exército, que, já que combinaram entre si de exigir preços exorbitantes, poderiam entregar seus fornecimentos — numa distância de duzentas milhas, no coração da região serrana, levando-os para lá nas costas dos camelos que êles mesmos tinham que prover.

Êsse foi seu sorriso de espertalhão, seu sorriso diplomático, o sorriso que expressava sua convicção que êle era quem manejava as cordas e estava justamente no instante de fechar o nó.

"Tendes um costume", começou, e eu quase me ri. Ou teria rido, se a lembrança de sua pergunta sôbre Barrabás não me tivesse lançado uma onda de frio ao longo da espinha dorsal.

Prócula suspirou por mero alívio. Sabia o que ela estava pensando. Seu marido ia representar o magnânimo e soltar o preso nesta festividade. Êle ia honrar a Páscoa dos judeus com um acto de clemência para com um condenado, mas êle mesmo iria escolher o condenado. E, está entendido, o homem que escolheria, seria o homem no terraço.

Sua voz tornou-se suave, quase afetadamente curta, quando prosseguia em sua declaração de clemência e perdão. A massa estava aí, silenciosa, estupefacta.

Pilatos esperto! Eu também poderia ter dado uma gargalhada de alívio. Mas, mesmo enquanto o fazia, ouvi a pesada respiração de D. Prócula. Tôda a sua expressão mudou.

"Oh!" gemeu. E outra vez, "Oh! Êste não é um tempo para diplomacia. Nenhum truque pode salvá-lO agora, possivelmente. Por que não mostra as cores? Por que não berra aos quatro ventos: "O homem é inocente, e Êle está livre"? Qualquer outra cousa é rodear a questão... loucura... torna-los-á doidos... furiosos com raiva... apanhá-lo-ão na armadilha que êle coloca para êles..."

Ela cortou a sua própria exclamação. Pois, num gesto magnificamente dramático, Pilatos fez sinal para um oficial da guarda.

"Depressa", gritou Prócula. "Desce e trata de saber o que êle está fazendo. Apressa-te"!

Lancei-me escada abaixo e peguei o oficial, quando estava para entrar no palácio."D. Prócula quer saber as ordens que recebeu".

O oficial, um jovem almofadinho que estava fazendo seu estágio obrigatório no estrangeiro e odiava estar exilado de Roma, fez uma cara aborrecida.

"Ordens podres, se jamais um camarada recebeu tais. Ouviste alguma vez falar num criminoso de nome Barrabás?"

Ouvir dele? Eu mesmo o tinha mencionado. A cidade inteira malcheirava com a sujeira e o crime dele.

"Bem, acredita ou não, tenho que tirá-lo do calabouço e levá-lo para este terraço. Graças aos deuses, por luvas fortes e protetoras. Pensar que vim para este país de doidos, para brincar de guarda para esta massa de lixo!"

Chamou quatro soldados. O esquadrão estava na entrada da passagem para o calabouço, quando voltei correndo para minha patroa.

"Não sei porque", comecei, ainda com a respiração difícil por causa da corrida, "mas ele mandou buscar Barrabás da cela solitária..."

D. Prócula reconheceu imediatamente o nome. Quem não o faria? Uma vez ou outra, um vilão particularmente nocivo atravessa nosso caminho, e não é provável esquecermos tal maravilha do mundo criminal.

(Continúa)

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

# O CAPITÃO

POR MATHIAS BODKIN, S. J.

(Tradução)

(Continuação)

Uma batida na porta perturbou Desmond no seu desagradável cismar e, quase sem esperar uma resposta, Dermot Milligan entrou. Logo de saida se notava que êle estava de muito mau humor. Não fez esforço nenhum de disfarçá-lo.

"Acho que se sente muito satisfeito consigo mesmo", começou, e a veemência de sua comoção quase que o sufocou.

Excitação foi o que Desmond menos conhecia: quase nunca perdeu o contrôle. Mas, quando, em raras ocasiões, sentiu raiva, estava interiormente incandescido como ferro superaquecido; exteriormente frio e radiante como gelo.

"Estou-me sentindo muito bem, obrigado", disse. "E se isto é tudo que veio perguntar, você..."

Mas Dermot já o tinha interrompido com uma verdadeira avalanche de palavras. Qual era a idéia dêle, de Desmond, sugerindo que Brendan era um frouxo? Não se orgulhava êle de ser o Presidente de uma Congregação que não era melhor do que um clube de aldeia, em estado de podridão progressiva? E êle, Desmond, o peor sócio? Quando fez uma pausa para tomar fôlego, Desmond levantou-se depressa.

"Aí está a porta", observou, sorrindo, e colocou a mão no ombro de Dermot.

Com isto, Milligan enfureceu-se. Era um ano mais moço e talvez um quilo mais leve do que Maher, e êste fruia a fama de bom "boxer". Mas Dermot estava por demais irado para hesitar. Praf, praf! plaf! para a direita, para a esquerda, para a direita.

Desmond desviou-se, abriu a porta com um puxão, e então, ainda sorrindo, e desprezando soberanamente um par de golpes bem acertados, pegou Dermot nos seus potentes braços e atirou com ele para o corredor. Depois, antes que seu agressor pudesse levantar-se, rindo-se na cara dos espantados passantes, fechou a porta de dentro e correu o ferrolho.

Aquela tarde, ajustaram as contas, no campo de ginástica. Foi Milligan que insistiu; Desmond foi indiferente, ou antes relutou. A luta não ofereceu grandes lances. Contudo, foi lembrada durante anos e anos. Dermot nem dispunha de agilidade ou técnica superiores para compensar sua desvantagem em peso e força e altura. Por um e meio minuto, Desmond passivamente aceitou os golpes que o outro lhe infligia. Então, recuando perante o avanço de seu oponente, parou de repente, e sua mão esquerda veio com a velocidade do raio. Milligan titubeou por um segundo, apanhou uma violenta direita no torax e foi ao chão com um estalo. Houve uma comoção geral, quando o golpe acertou, seguindo-se um silêncio quando o círculo de rapazes verificou que Milligan não se mexia. Dane, o juiz, avançou ligeiro. "Por favor, conte", disse Desmond docemente. Dane começou a contar devagar. Milligan, os olhos grandemente abertos, e cônscio, não se mexeu. "Oito — nove — dez". Desmond abaixou-se e, tomando Dermot nos braços, carregou-o ao seu canto. "Está tudo bem", disse a O'Reilly, ainda sorrindo; "só lhe cortei a respiração".

Nos anais de lutas de box de S. Xavier's é este o único K. O. autêntico.

A luta ocorreu sexta feira de tarde, e na noite seguinte, pela primeira vez em sua vida, Desmond achou terrivelmente difícil a preparação para a confissão. Estava genuinamente arrependido da injustiça que, deliberadamente, fizera a Moore, mas não via como podia reparar este mal. Os "RR" foram um facto frio, e ele tinha dito sempre que Moore merecia ser admitido. Talvez estivera mesmo mais perturbado por causa de seus modos com Milligan e Brendan. Estava fóra de si, porque Brendan colocava-o constantemente em más posições. Diante da escola, poderia triunfar dele ou ganhar fáceis vitórias físicas sôbre o amigo dele. Mas, na realidade, cada vez que tinham um encontro, Desmond verificou, tivera ele, Desmond, que sacrificar o respeito de si mesmo para obter uma vitória sem graça e sem satisfação. Estava extremamente envergonhado de si mesmo, e esta foi a razão porque tratara Dermot tão duramente. Odiava a só vista de Brendan e estava certo que Brendan, por sua vez, o odiava. Acabou por não se confessar. Na manhã seguinte, pela primeira vez em anos, ficou ajoelhado em seu lugar, enquanto os outros foram comungar.

x x x

Durante os restantes quinze dias até o primeiro encontro esportivo inter-colegial e o fim do trimestre, cada dia via a Desmond mais miserável. Nem mesmo os triunfos do primeiro dia de jogos foram suficientes para animá-lo. Seis colégios participaram da competição, e, quando na noite do primeiro dia, St. Xavier estava na ponta, com um só jogo a ser decidido, parecia extremamente provável que eles ganhariam o primeiro lugar neste primeiro encontro ou — como se dizia — competição hibernal. Se fosse assim, havia pouca dúvida que ganhassem também a competição do verão, pois essa se realizaria em St. Xavier, ao passo que aquela se decidia em outra escola. Desmond tivera sua parte no sucesso do primeiro dia, pois ganhou dois primeiros lugares, o de salto ao alto e o de corrida de obstáculos, enquanto Dane e O'Reilly tiveram cada um, um primeiro e um segundo na corrida de velocidade e na de longa distância, respectivamente.

Mas Desmond não ficou para vê-los correr. O grande acontecimento do dia seguinte foi a corrida de duas milhas, através do campo. Se St. Xavier fosse classificado em qualquer lugar, a vitória estava garantida. Como O'Reilly fosse o mais cotado, e Desmond e Dane bons corredores, as aparências eram seguras. Mas Desmond queria ter certeza. Por isso, aquela tarde, saiu para uma pequena inspeção. A feição peculiar da corrida através do campo era um muro ao redor de uma propriedade, que tinha pelo menos dez pés de altura, e que, em certo ponto, atravessava diretamente a linha do percurso. Obrigou os concorrentes a um consideravel desvio, ou de pulá-lo mais em baixo onde era menos alto. O muro, por sua vez, tocou numa estrada que cortava em ângulo reto o percurso. Desmond, correndo levemente, alcançou a estrada justamente no lugar onde os concorrentes geralmente atravessavam o muro, e onde, nos dias de corrida, um pequeno grupo de meninos às vezes se reunia para ver os corredores vencerem este difícil obstáculo. Mas ele não franqueou o muro. Em vez disto, ele seguiu estrada acima, seus olhos fitos no cimo do muro liso que se elevava cada vez mais alto. Afinal achou aparentemente o que procurava pois voltou-se e dirigiu-se em linha reta para o ponto de saida, notando, porém, com cuidado especial, as marcas da linha direta ao ponto onde se afastara da muralha.

Toda aquela noite chovia até carregar com água o capim e os pequenos arbustos. Caminhar era muito difícil. Mas o sol brilhou corajosamente antes da corrida. Quase desde o princípio Desmond surpreendeu os outros concorrentes por recusar-se de fazer o desvio para a esquerda. Depressa e em linha direta correu, tomando os obstáculos limpa e fàcilmente. Chegou ao muro sózinho e viu com um sispiro de satisfação que o alcançara justamente no lugar que escolhera na tarde anterior. Muito distante, numa pequena elevação de terreno, divisou os outros competidores, o branco e azul das camisetas de St. Xavier distinguindo-se nitidamente, Milligan e Dane bem adiantados, e Brendan conduzindo toda aquela fila colorida. Sôbre sua cabeça e o muro, uma faia esbelta e marcada pelos anos, extendeu um longo braço. Foi qual uma mão amiga que se oferecesse por cima do muro hostil. A ponta do galho que se curvava um ponco antes de juntar-se ao tronco da árvore a uns quatro pés do outro lado do paredão, balançava de um lado para o outro. No máximo achava se uns oito ou nove pés acima da estrada. Desmond escolheu um lugar um pouco mais para o alto, onde o ramo engrossava, sendo, porém, ainda bastante delgado para ser agarrado. Então, recuando um tanto, o melhor saltador de St. Xavier parecia elevar-se no ar, sem esforço. A mão fechou-se sôbre o galho. Ele sentiu cair para traz o corpo e retesou os músculos para ficar suspenso. Havia um forte estampido, o galho meio apodrecido balançou um momento no muro e então, com estrondo, abateu-se sôbre o disforme vulto azul e branco.

Mais para cima, não longe de onde em breve os outros competidores passariam, um aterrado aluno — era da divisão dos Menores — do meio de um pequeno grupo de espectadores viu a queda e correu pela estrada aonde jazia a figura. Um olhar para os lábios sem cor, o corpo contorcido e o fiozinho de sangue que, aos poucos, transformou a poeira da estrada ao lado da cabeça loura num sinistro lamaçal, e o guri correu de volta, soltando gritos estridentes. Brendan alcançara quase o muro, antes que ouvisse as confusas e excitadas exclamações. "Um rapaz de St. Xavier ferido!" "Maher espatifou-se!" "Caiu e está banhado em sangue!" Olhou em seu redor. Não havia ninguém à vista, a não ser esses atemorizados guris e os competidores. Chamou a Dane, quando este, um fácil terceiro, chegou.

"Corra para casa e traga o Leão o mais depressa possível", berrou; "Desmond machucou-se feiamente". E, quando Dane se punha a caminho, acrescentou: "Traga o medico também, se encontrar um".

Um momento depois, ele e Milligan estavam caminhando ao longo da estrada e do muro até onde se achava Desmond. A corrida estava perdida e esquecida.

Dez minutos mais tarde, quando levantaram o lenho que pesava sôbre ele, a dor arrancou Desmond ao desmaio. Viu brevemente a Brendan, nu até a cintura. Qualquer cousa fresca circundava sua cabeça. Mas tinha a impressão como se uma bala incandescente estivesse no lugar reservado ao cérebro. "Devo ter sido atingido por uma bala de canhão", pensou, e prontamente, desmaiou de novo. Foi só mais tarde, na enfermaria, quando lentamente reconvalescia, que ouviu a história. Brendan e Dermot conseguiram remover o pau que estava esmagando a espinha dele e colocá-lo numa posição menos penosa. Sua cabeça dera contra uma pedra e sangrava horrivelmente. Não havendo outra bandagem, Brendan despira sua camiseta azul-branca, molhou-a num filete de água que corria ali perto, rasgou-a em tiras e envolveu a ferida. Depois, P. Daniel chegara, dera-lhe a absolvição e tomara comando da situação. Não houve médico. Por isso, Dane e O'Reilly puseram-se a caminho em direções opostas para procurar um. Brendan alcançou a povoação mais óprxima, distante duas milhas, em quinze minutos. Rezou durante todo o caminho, e o primeiro homem a quem encontrou, na rua, foi o médico. Em menos de cinco minutos voava de volta para Desmond no auto do doutor. Chegaram em tempo.

x x x

Mas antes de entrar em convalescença, Desmond estava entre vida e morte durante vários dias. Já os alunos foram para passar as férias em casa, quando seu restabelecimento estava certo. Havia momentos cruciantes, quando parecia possivel que ficasse aleijado para o resto da vida. Mas Desmond nunca suspeitava isto, e, quando a inten-

(Continúa)

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina